

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA
DO BRASIL (CPDOC)**

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser fiel à gravação, com indicação de fonte conforme abaixo.

CAVALCANTI, Josefa Salete Barbosa . Josefa Salete Barbosa Cavalcanti (depoimento, 2018). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (1h 47min).

Esta entrevista foi realizada na vigência do convênio entre BANCO SANTANDER. É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

**Josefa Salete Barbosa Cavalcanti
(depoimento, 2018)**

Rio de Janeiro

2018

Ficha Técnica

Tipo de entrevista: Temática

Entrevistador(es): Celso Castro; Dirceu Salviano Marques Marroquim ;

Técnico de gravação: Luisa Maria Silva de Santana ;

Local: Recife - PE - Brasil;

Data: 05/07/2018 a 05/07/2018

Duração: 1h 47min

Arquivo digital - áudio: 1; Arquivo digital - vídeo: 1;

Entrevista realizada no contexto do projeto “Memória das Ciências Sociais no Brasil”, desenvolvido com financiamento do Banco Santander, entre janeiro de 2016 e dezembro de 2020, com o objetivo de constituir um acervo audiovisual de entrevistas com cientistas sociais brasileiros e a posterior disponibilização dos depoimentos gravados na internet.

Temas: Agradecimentos; Anos 1960; Antropologia; Carreira acadêmica; Ciências sociais; Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior; Ensino superior; Família; Formação acadêmica; Formação profissional; Inglaterra; Magistério; Museu Nacional; Obras de referência; Paraíba; Pós - graduação; Reino Unido; Repressão política; Rio de Janeiro (cidade); Sociologia; Universidade de Brasília; Universidade Federal da Paraíba; Universidade Federal de Pernambuco;

Sumário

Entrevista: 05 de julho de 2018 Origens Familiares, referências da infância e mudança para Campina Grande. Ingresso no curso superior, interesse pelas Ciências Sociais e primeiros contatos com a docência. Experiência de cursar Ciências Sociais no contexto de repressão da década de 60. Visão dos pais sobre sua formação profissional. Processo de ingresso no Museu Nacional para estudar Antropologia, passagem pela UnB e curso na UFPE. Começo dos estudos no Museu, a saída do nordeste ao Rio de Janeiro e aulas durante esse período. Orientação por Roberto DaMatta, divisão do curso no Museu e temática do seu mestrado. Trajetória como professora de universidade, criadora do curso de pós-graduação na UFPB e o processo de seleção do doutorado em Manchester. Reunião da ABA em 78. Experiência do doutorado na Inglaterra e orientação por Peter Osley. Campo de estudos da sociologia rural na época do seu doutorado e atualmente. Volta da Inglaterra e pós-doutorado em sociologia rural nos EUA Experiência de ser chefe de departamento da universidade muito nova e processo de formação de professores. Aposentadoria e mudança para a UFPE. Curso de sociologia do turismo. Experiência na comissão de avaliação da CAPES. Leitura mais relevante e gratificação sobre sua trajetória.

Entrevista: 05/07/2018

Celso Castro – Em primeiro lugar, obrigado por ter aceito o convite para participar desse projeto que monta esse acervo público de entrevistas sobre as ciências sociais no Brasil. Eu queria começar falando da sua família de origem, a infância, a escolaridade ainda antes da faculdade. Você nasceu aqui?

Josefa Salete Cavalcanti – Não. Eu nasci na Paraíba. Eu nasci num distrito do município de Cabaceiras à época. Cabaceiras, não sei se vocês sabem, tem, agora tornou-se um centro que se chama Hollywood Nordestina, uma coisa assim. [riso] Cabaceiras. Mas na realidade, depois, esse distrito ficou parte, com essa divisão dos municípios, do município de Boqueirão, então o meu registro está lá. Virou um Boqueirão. [riso] Inicialmente era Cabaceiras, virou um Boqueirão. Então, no Boqueirão. E uma cidade...

C. C. – Seus pais?

J.C. – Meu pai era de uma família criadora de gado, animais assim, tinha fazenda lá nesse interior, e era... a vida toda, quer dizer, a história da família é um pouco essa, a história das famílias que tinham a pecuária como sendo uma atividade importante. Mas era... vamos dizer, um...

C. C. – Mas vocês moravam na fazenda, ou na cidade?

J.C. – Morava... Meu avô morava na fazenda. Meu avô tinha... tem uma casa, casa grande do local que era um lugarejo assim, tudo era do meu avô, dos pais do meu pai, e nós morávamos na cidade. Na cidade. Num vilarejo, num lugar, o distrito que era um centro, um distrito chamado Riacho de Santo Antônio, que hoje virou município, mas continua pequeno, vamos dizer, mas ele foi também um dessas populações que foram realocadas depois que foi feito um açude, um açude nessa região. Então, aquele lugar onde eu morava inicialmente, ele foi depois coberto pelas águas desse açude, e nós fomos morar num outro, que é hoje... que se chama hoje Riacho de Santo Antônio, mas num outro lugar. Então, essas referências da infância, até eu trato isso no meu memorial, eu digo que as águas cobriram muita parte, uma

parte disso. Então meus pais, quer dizer, meu pai era desse tipo, dessa família que é... não eram grandes pecuaristas, quer dizer, é família dos Cavalcanti, mas não era assim... Mas tinha uma área de... que tinha de plantação, mas menos plantava, era mais para animais mesmo, criação de animais. Mas depois...

C. C. – Sua mãe também era da Paraíba?

J.C. – Da Paraíba. Minha família. Mas originalmente a família de minha mãe era de Surubim, de Pernambuco. Então meus avós maternos eram de Surubim.

C. C. – E eram quantos filhos?

J.C. – Nós na minha casa fomos sete. Somos sete. Eu sou a segunda. Tem um irmão mais velho e tem eu e mais cinco. São quatro homens e três mulheres na minha família.

C. C. – E em Cabaceiras você morou até?...

J.C. – É. Em Cabaceiras... Quer dizer, isso que eu disse. Essa história de Cabaceiras foi no início que era. Mas eu morei até uns nove, dez... nove anos eu acho, nove, dez anos, eu vim para Recife. Eu fiquei aqui em Recife na casa de um tio e estudei um ano aqui. Então eu terminei mais ou menos o primário aqui em Recife. E fui depois para Campina Grande. Eu fui fazer o que antigamente se chamava de exame de admissão no Colégio Estadual de Campina Grande, na Paraíba. E aí que com...

C. C. – Tinha família também lá, então.

J.C. – Tinha... Não tinha. Quando eu fui para Campina Grande meus pais tinham compadres que moravam em Campina Grande, então eles... Tanto que quando eu fui fazer o exame, eu fui para uma casa desse compadre para fazer o exame de admissão. E aí, como eu passei, a minha mãe falou: “Agora nós vamos para Campina Grande”. Ela já queria há algum tempo. Nesse tempo vieram também o pai dela e outros irmãos que vieram morar em Campina Grande. E ela veio. Aí eles vieram. Ela falou: “Agora que minha filha vai para o colégio...” Eu era a primeira

a entrar no secundário. O meu irmão ainda estudava. Mas eu já entrei no colégio, no Colégio Estadual, então ela veio. Porque a família... Preciso falar da minha mãe. A família da minha mãe era de comerciantes, pequeno comerciante, nesse mesmo lugar. Meu avô tinha como uma casa, era um tipo desses magazines que vendiam de tudo, nesses lugares que vendem tecido, vendem chapéu, vendem guarda-chuva, vendem... Então eles moravam ali, eles tinham... Eles tiveram, os avós da minha mãe, o pai dela, tiveram vinte e dois filhos. Essa família, vinte e dois filhos. O meu avô, um deles, o pai da minha mãe, que se casou com essa pessoa, que era a minha avó, de Surubim. Porque tinha ligação, essa ligação entre os lugares do interior da Paraíba e de Pernambuco. Então esse meu avô trabalhou, também tinha alguns... ele era também... foi um pequeno comerciante, vendia cal, carvão, essa coisa. Esse era o meu avô do lado da minha mãe. Mas a minha mãe teve uma... Quer dizer, ela vinha dessa família de Surubim, mas a mãe dela morreu no quinto filho, então a minha mãe tinha quatro anos de idade quando a mãe dela morreu, então a gente perde um pouco essa relação com as famílias de Surubim, tudo isso, porque a minha mãe ficou... o meu avô casou com outra pessoa, que também era do interior, dessa família... até eu acho que é dessa família Casé, eu acho que é dessa da Regina, desse lado -, de Pernambuco também. Casou com outra pessoa. E depois teve também mais cinco filhos. Aquela história da família desse tempo. Morreu um de parto. As duas mulheres morreram de parto. E aí, depois, ele casou com outra. Então foram vinte filhos assim que meu avô teve também de três mulheres. Mas ele manteve todos os filhos juntos porque a mulher, a última, que foi a que eu conheci como avó, foi a terceira mulher dele, que não é... Ela conseguia ser uma pessoa que agregou bastante e manteve a família reunida. Então... Bom. Aí nesse caso, a minha mãe, ela, logo cedo ela começou a estudar. Foi muito autodidata a minha mãe. E ela tinha... a história é que ela tinha mais trabalhos com... que vinha da mãe dela, que ela não conheceu, mas se via uma... da história da mãe, lendo, e ela se tornou professora. Então, a minha mãe é professora, professora primária, filha dessa família e professora primária. Então a minha mãe vai, casa com meu pai como... na época não era o casamento ideal para a minha avó paterna, porque eles eram dono de fazenda, tudo isso, a expectativa era que meu pai fosse casar com mais alguém para trazer mais terra, mais essa coisa que era da época. Mas aí eles casaram. E a minha mãe sempre trabalhou, a vida inteira como professora. Tanto que quando a gente veio para Campina Grande, também, ela foi professora, e fundou uma escola, que depois ela entregou para a paróquia da igreja, que transformaram

num colégio, e depois de um tempo, também, a paróquia entregou para a prefeitura. Mas ela formou muitas pessoas. Então esse era o exemplo da minha mãe.

C. C. – Em Campina Grande, você estudou até quando?

J.C. – Eu estudei no Colégio Estadual de Campina Grande, de 1959 até 1967, eu acho... É. 1967. Depois eu entro para a faculdade de ciências econômicas, que era o curso de sociologia política na época.

C. C. – Sociologia e política?

J.C. – Era sociologia e política. Sociologia política. Sociologia política. Era como era antes chamado o curso que depois se transformou em ciências sociais.

Dirceu Marroquim – Isso foi lá na Paraíba?

J.C. – Na Paraíba. Chamava-se sociologia política.

C. C. – Por quê? De onde veio o interesse pelas ciências sociais?

J.C. – Ah. Isso é... Esse interesse pelas ciências sociais, eu fui também professora, eu fiz o antigo pedagógico, eu terminei a escola secundária fazendo o pedagógico, então eu tenho esse curso de formação de professoras. E logo depois, quer dizer, logo cedo, também, eu comecei a ensinar. Eu tenho uma carteira profissional de dezessete... dezesseis... dezessete anos de idade, eu já tive uma carteira profissional porque eu fui contratada pelo Sesi. O Sesi ofereceu professores para a escola, escola primária, então me contrataram porque, na época, eu já estava no pedagógico, então estava bem credenciada para ensinar. E aí eu vivia... A gente vivia num bairro em Campina Grande que tinha uma indústria têxtil, quer dizer que era mais ou menos... era um bairro operário. Claro. Era um bairro operário que eu digo assim, que era uma amostra daquela pequena sociedade. Tinha as casas, grandes casas dos donos da indústria têxtil, o pessoal que eram os donos. Eram quatro. Então, grandes casas bonitas, tal, a igreja e a escola, e nós morávamos nesse lugar. A minha... tinha muitas relações com essas pessoas do... os donos

da fábrica, e a minha mãe, professora. Minha mãe professora. Então eu sempre ficava analisando um pouco, pensando sempre na situação dos operários da fábrica. Isso, eu acho que eu comecei um pouco a entrar por esse campo nesse tempo. E os meus alunos dessa escola que eram filhos de operários da fábrica. Porque isso aí foi mais ou menos uma estratégia que a minha mãe ofereceu. Ela pensou que os donos da fábrica poderiam pagar para os filhos dos operários estudarem nessa escola, que no final era uma escola muito boa, essa que ela começou, porque ela era muito exigente, muito preparada. E aí ela fez isso. E nisso havia essa relação muito estreita dela com essas famílias, e essas famílias mais ou menos tinham os filhos, que até hoje a gente ainda se [encontra], mais ou menos, um pouco da idade da gente. Então tinha essa sociabilidade, a gente ia nas festas na casa deles, sabendo cada um onde estavam, porque era... pensar o Bourdieu – nós somos professores, mas não somos da classe alta do lugar. Mas tem também... Então, nessa convivência com os alunos da escola, da fábrica, os filhos da fábrica, eu via aquela fábrica, o apito da fábrica às cinco da manhã, e eu pensava nos meus alunos também, que eram filhos dos operários. E lembro de uma história de um aluno que ele era muito rebelde na escola. E a minha mãe era diretora dessa escola. Aí a minha mãe falou se eu não podia, na próxima... Ela queria que eu assumisse uma classe, uma aula, para receber esse aluno, porque ele era muito rebelde, nenhuma professora queria ficar muito com esse aluno. Mas como ela se preocupava muito com a educação... Aí lembro que eu comecei com esse aluno, aí eu tentava... eu disse: “Muito bem. Você fez isso...” Ele falou: “Você gosta de mim por quê?” Aí eu: “Não. Eu quero só que você... você vá estudando e tal”. Eu sei que esse menino começou ali, não gostava muito de estudar, mas depois ele foi estudando, tal, passou, passou. Tanto que quando foi no último ano, ele terminou o primário, e ele fez um curso de admissão, ele fez a seleção para o admissão num colégio que também... até, para a formação desse colégio, a minha mãe também reuniu com várias pessoas para pedir um colégio estadual para esse bairro, porque o colégio estadual... havia o colégio estadual só o central, que foi onde eu estudei, mas que houvesse para lá. E então, eu já tinha saído, quando eu terminei essa escola. E eu ensinava, ainda durante a graduação de ciências sociais porque era um horário só, um expediente, e eu trabalhava no outro. Aí quando eu viajei para... terminei e fui fazer a seleção para o Museu, esse aluno chegou na casa da minha mãe, queria falar comigo, a minha mãe: “Não. Ela viajou”. – “Não. Eu vim trazer uma flor para ela”. A minha mãe achou assim... Porque esse aluno disse: “Não. Diga para ela que eu...” Porque ele tinha antes assim, ele disse: “Por que você quer que eu estude, se eu vou, depois, ter que trabalhar nessa fábrica como todas

as pessoas que eu conheço, os meus irmãos?” E eu falando “Não. Mas você pode ser... Você pode trabalhar...” Ele disse: “Mas diga a ela que eu estou trabalhando na fábrica, mas no escritório, porque agora, eu passei, estou no secundário”. Então, eu acho que foi me... toda essa vivência talvez tenha me estimulado um pouco a pensar sobre esse...”

C. C. – Você entrou em 1971...

J.C. – Em 1971, no Museu.

C. C. – Não. Em 1967, na...

J.C. – Na universidade.

C. C. – Na universidade. 1967, 68, 69, uma época de muita repressão.

J.C. – É. 1971. Exatamente.

C. C. – E no Nordeste, na Paraíba, tinha tido as Ligas Camponesas, muita repressão e tal. Como era fazer ciências sociais nesse contexto?

J.C. – É. Eu vivi essa experiência porque eu entrei na primeira turma, e entrei... Eu tenho um pouco dessa história. A primeira turma do curso de sociologia e política entraram... acho que na primeira seleção foram cinco alunos. E daí houve aquela discussão toda sobre os excedentes. Não lembra que tinha a história dos excedentes e tal? E aí eu acho que foi feita uma nova seleção e entraram mais uns quatorze, uma coisa assim, nessa área, na área da sociologia. E aí eu entrei nessa primeira turma de sociologia, e o nosso curso era na Faculdade de Ciências Econômicas, tinha economia e sociologia. E entrei no primeiro ano. Eu acho que no segundo ano, é 1968, por aí, eu entro para o diretório acadêmico, e com o pessoal da economia. Um colega que era da economia... Sim. Porque eu estudava, e a gente tinha essa relação com o pessoal da economia. E aí um colega que era da economia – não sei se vocês conhecem, talvez você conheça o Cláudio Porto, ele era o presidente do diretório acadêmico, e eu fui a tesoureira do diretório acadêmico nessa época. Então, depois, a gente... aí começou a... 1967, 1968, a

gente viu claramente a mudança. A gente tinha vários professores que eram aqui da Sudene, no começo do curso, bem críticos... Eu digo que a gente passou... Tinha um curso de Adalberto Arruda – não sei, eu acho que você não conhece – que era de uma economia política, por exemplo, aí depois, o próximo professor que entra, ele é a oferta, a demanda, o sistema econômico. Então, assim, fazer a grande mudança. Vários professores nós perdemos nessa época já, porque eles não vieram mais ensinar em Campina Grande. E os meus colegas, o presidente e o vice-presidente foram cassados na época. Eu não fui. Eu lembro a noite em que eles receberam a notícia porque eles eram... O pai de Cláudio, por exemplo, era advogado na cidade e soube que o filho estava cassado. Então eles chegaram na minha casa à noite e falaram: “Salete, a gente sabe que nós estamos lá, a gente sabe que estamos cassados, mas a gente não sabe de você”. Bom. Aí fomos na casa da secretária da universidade. Ela falou: “Não. Esse nome não está”. Então a gente foi... O que sucedeu depois disso daí é que foi um tempo de muito silêncio na universidade. Muito... Acho que todo mundo sabe da experiência que foi isso. Mas a gente viveu isso porque também vivemos o que antecedeu, as passeatas na rua, toda a movimentação desses anos 1968 e 1969. Foram tempos de muita movimentação.

C. C. – Agora a sua família via com bons olhos você fazer curso superior, ciências sociais? Ou o papel da filha era casar, ter filhos?

J.C. – Não. Eu acho que era diferente. Isso as filhas da... as minhas colegas que faziam ciências sociais também comigo viam, achavam a minha mãe muito à frente de todo mundo. Porque ela achava que era importante estudar, ter liberdade. Ela sempre pensou nisso, quer dizer, era uma questão da liberdade é um bem que só se pode compreender quando temos perdido. Ela sempre falava nisso, essa coisa da liberdade, e também do ensino. Ela era professora a vida inteira, quer dizer, morreu o ano passado aos 95 anos, e, mesmo com todos os netos, a conversa sempre foi bastante essa: a educação. Em primeiro lugar a educação. O meu pai não tinha... não teve... Quer dizer, a minha mãe teve mais ou menos uma formação como secundária na época, mas o meu pai foi escola primária. Não era... A gente sempre diz assim, não era tão valorizado, quando você tem mais recursos, não era tão valorizado. Mas a minha mãe teve isso e achava que a coisa mais importante era a educação. E foi nesse ponto que a gente foi... Quer dizer, para nós... Eu tenho mais duas irmãs, as duas também se formaram, uma é professora da UFPB em educação, os filhos... Menos... O meu irmão mais velho não fez curso superior, mas os

outros fizeram. Fizeram o curso de direito, de administração e tal. Então esse... Ah. E o outro também. Dois dos meus irmãos. Um não concluiu o curso superior, mas o outro...

C. C. – E aí você se interessa por fazer a prova para o Museu, no Rio de Janeiro. Como é que surgiu a antropologia, o Museu e o Rio de Janeiro? Muita mudança.

J.C. – Isso. Muita mudança. Eu tive uma professora que ela... Ainda hoje ela está aí. É a professora Ruth Almeida. Formada na Universidade do Brasil em geografia e história. E ela participou dos primeiros cursos que foram feitos no Museu para antropólogos, para a formação de antropólogos, que foi o curso... eu acho que quem idealizou um pouco foi o Darcy Ribeiro, e depois foi feito no Museu. Teve uma... Antes de ter a pós-graduação teve esse curso de formação. E ela casou com um paraibano que foi fazer o curso de matemática no Rio. No Rio não. No ITA. Foi no ITA, em São Paulo. Eles se encontraram, e ela veio morar na Paraíba, essa professora. Então ela já vinha com uma excelente formação na Universidade do Brasil. E quando eu cheguei na universidade, eu era da quarta ou da quinta turma de ciências sociais, e ela disse que sempre que chegou, ela quis sempre ter um aluno que quisesse fazer antropologia. Ela também faz arqueologia, ela estudou inscrições rupestres e tudo, então ela queria formar um aluno, uma pessoa nessas áreas. E ela vai e começa com... Ela foi minha professora. Ela era a única professora de antropologia, porque naquela época, antropologia física, antropologia... todas as antropologias passavam por ela. E ela era bastante exigente, passava toda a literatura, e eu fui gostando de estudar; mas, também, eu gostava muito de sociologia industrial, que na época também estava muito em evidência, mas eu fui seguindo nessa parte de antropologia. Até que um dia ela fez um seminário, um curso de... um curso, era como se fosse um curso de especialização, na época, e convidou Roque Laraia para ir dar esse curso em Campina Grande. E como eu digo que naquela época a diferença que tinha entre uma especialização e uma graduação, então a professora Ruth Almeida, essa minha professora, ela disse: “Roque... perguntou para o professor Roque Laraia – “Eu tenho duas alunas – éramos eu e outra – que gostam muito da antropologia, da graduação, e uma delas adora os estudos de parentesco”. Aí o Roque disse: “Mas isso é um achado! Porque é muito difícil ter alguém que goste de estudos de parentesco” [riso] E o Roque permitiu que a gente assistisse, eu e a minha colega, que era filha do dono da grande livraria que tinha na cidade. Era da livraria Pedrosa, a filha era... a filha dele, que era excelente, uma excelente aluna e tudo isso. Então... E talvez aí, agora, vamos

marcar a questão da minha trajetória e a dela. Porque ela foi assistir o curso, e Roque ofereceu para a gente uma estadia, em Brasília, de três meses na UNB. E foi no verão. E para isso, a gente foi, e morou naquela colina que hoje é usada... até um dia eu fui lá e vi que é uma... um dos blocos que eu fui depois ficou sendo bloco dos professores. Mas na Colina, no bloco D, nós ficamos lá três meses. E Roque estava exatamente sendo diretor do instituto lá, tinha chegado, e Roque tinha o Julio Cezar Melatti, que estuda populações indígenas, e ele definiu que... Era uma experiência muito inusitada até, para o Brasil daquela época, porque definiu que o Melatti fosse o tutor nosso. Então fomos eu e essa minha colega também foi. E foi até Brasília. Então, terminado esse período nosso lá, esses três meses lá em Brasília, nós estudamos... O Melatti, muito exigente, então, todo final de tarde, Melatti chegava: “o que é que vocês já estudaram? Como foi?”. Então, as etnografias principais a gente leu lá. Malinowski, Radcliffe-Brown. Tudo isso em inglês. Naquela época não tinha ainda as traduções. E fizemos isso as duas, estudamos. E quando eu voltei... Aí eu voltei para a Paraíba. Foi o último ano. Terminei o curso, terminei, a nossa turma terminou... Foi a turma, também, que fez um protesto: a gente não quis colação de grau festiva. A gente foi colar grau... Tanto que na minha colação de grau... Eu só fui porque eu tinha que ir para o Museu. Antes, eu fui fazer na secretaria. Terminamos esse período... Que a gente tinha esse propósito de, quando voltassem todos, fossem todos reintegrados. Porque os colegas voltaram, os colegas que tinham sido cassados. Então, na minha colação de grau estavam... os dois colegas que tinham sido cassados estavam na minha colação de grau na secretaria, com os meus pais. Assim, foi uma coisa simples. E nesse último ano do curso, nesta Universidade de Pernambuco havia uma... era o início... Quer dizer, é um momento muito importante do estabelecimento do nosso programa. Que agora fez cinquenta anos desse programa de pós-graduação em sociologia. E havia um convênio com a Universidade de Harvard, naquela época, com aquele apoio da Fundação Ford, que também apoiou o Museu, o programa do Museu Nacional. E aí o David Maybury-Lewis veio dar um curso aqui sobre estruturalismo. Aí eu vinha de Campina Grande... Era muito sacrificado naquela época. Eu vinha de Campina Grande assistir o curso do David Maybury-Lewis aqui. Então fiz esse curso com David. E quando estava terminando o curso, eu queria fazer no Museu o mestrado, e mandei o material... a inscrição, naquela época, e mandei para o Museu. A primeira parte era uma entrevista. A entrevista foi feita quando o professor Roberto Cardoso veio aqui a Recife. E ele mandou avisar que se eu quisesse vir... Ele não me conhecia. Mas ele, quisesse vir aqui, porque era mais perto. Porque era eliminatória. Para eliminar que eu fosse ao Rio para fazer

isso e voltar. Aí eu fiz essa entrevista com Roberto Cardoso. E depois, passou um tempo, até que... Quando eu soube que eu tinha sido aprovada nessa primeira fase de currículo e da entrevista já era o ano novo quase, e foi mandado por um telegrama, dizendo que eu estava apta para a próxima fase. Então, a próxima fase, eu cheguei ao Rio de Janeiro numa... logo depois do ano novo e fui ficar na casa de uns amigos da minha mãe, que a minha mãe conhecia da infância, então eu cheguei no Rio de Janeiro também... Fiquei lá. E fui fazer a seleção, que naquela época durou mais ou menos dois meses, porque eram sete semanas de seleção; e cada semana a gente tinha que fazer um trabalho, tudo isso. Bom. Foi aí que eu entrei.

C. C. – E você já conhecia o Rio? Ou foi a primeira vez?

J.C. – Não. Eu tinha ido para o Rio uma vez quando nós éramos lá do pedagógico; no último ano, a gente se reuniu... Essa coisa de estudante. Eu até fico imaginando, naquela época, como foi isso, porque nós reunimos recurso e fomos para o Rio de Janeiro. Mas não era uma turma... Sim, tinha uma colega que ela era da... quer dizer, mais ou menos da classe alta em Campina Grande, mas... ela também foi... Ela conseguiu, naquela época, com a Sudene, eu acho, a gente conseguiu com a Sudene um transporte, e nós fomos ficar no Maracanãzinho. Nós ficamos hospedados no Maracanãzinho nessa época. Nós fomos para o Rio de Janeiro. Foi a primeira vez que nós fomos. Quinze dias. Então era só essa época que eu conheci o Rio. E aí foi a segunda vez, foi para fazer essa seleção. E a primeira coisa da seleção é que eu tinha um endereço que era o Museu Nacional, na Quinta da Boa Vista, então, de manhã, eu fui para a Quinta da Boa Vista. E penso que foi uma experiência muito interessante. Quando eu cheguei no Museu, “não, não é aqui. É lá em Botafogo”. Era no Centro Latino-Americano, em Botafogo. A seleção tinha sido colocada para ser lá. Aí eu fui para lá. Primeiro texto foi sobre Desenvolvimento [e Subdesenvolvimento], de Celso Furtado. Eu não tinha o livro. O livro estava esgotado. Naquela época estava proibido, estava eu acho que esgotado. Mas eles colocaram para a gente fazer essa análise. Então, foi difícil. Eu não conhecia ninguém. Eu saí de Botafogo e fiquei procurando. Deve ter livreria, deve ter uma biblioteca, e não tinha, em lugar nenhum. Até que me apontaram, a última coisa foi a biblioteca do Itamaraty, no Catete, naquela época. Mais ou menos. Eu acho que era por ali. Aí eu cheguei lá, tinha o livro. Eu fiquei lá estudando, na biblioteca. Eles falaram: “Não. Você tem que devolver o livro porque nós vamos fechar às cinco”. Eu disse: Bom. Mas, se eu chegar amanhã, a que horas vocês

chegam?” – “Sete horas”. “Não. Mas eu preciso levar o livro. Eu preciso fazer isso”. Eles me deixaram levar o livro. E no outro dia de manhã, antes de eles chegarem, eu já estava lá com o livro, continuei estudando, para entregar o trabalho. Foi essa a experiência. Foi uma experiência muito... daquela época. O Rio de Janeiro, mais ou menos quarenta graus, naquela época era muito quente. Mas foi... Eu caminhei de Botafogo até Catete procurando esse livro. [riso]

C. C. – Mas o Museu tinha começado há pouco tempo também. Você foi o quê? Quarta turma?

J.C. – Há pouco tempo. É. Terceira turma, eu acho. Terceira ou quarta.

C. C. – Terceira. 1968.

J.C. – É. 1968. Não. Quarta turma.

C. C. – Por aí. Como era o Museu nessa época?

J.C. – Olha, era muito... Foi muito interessante. Porque eu era a mais nova dessa turma, porque eu era a única que estava saindo da universidade e estava concorrendo. Até, eu fico olhando de longe assim, se fosse um aluno meu de hoje, eu ia dizer: mas você teve coragem, de sair daqui e ir lá. Então, a minha experiência foi com os concorrentes, que depois ficaram, alguns deles ficaram meus colegas, mas eram... lá, trinta e cinco, quarenta pessoas concorrendo. E aí eu lembro que um dos colegas –, eu não sei se você chegou a conhecer o Luis Felipe, ele foi aluno, também, do Gilberto – aí ele fala: “Mas que você... Não. Se eu fosse você ia aproveitar o Rio de Janeiro. Aproveita o Rio de Janeiro. Porque isso aqui, olhe, vai ser muito difícil isso aqui”. [riso] Aí, depois de um tempo, eu falei: “Mas por quê?” Ele: “Vá para a praia. Aproveite. Não vai ficar aqui, fazendo esses exames”. Que foi realmente... Eles não repetiram mais isso, porque era uma... Foi muito... muitas semanas. E aí, depois, ele entrou, eu falei: “Mas por que você me dizia isso?” Ele disse: “Eu achei aquela com cara de nordestina que ia tirar o meu lugar”. [riso] Brincadeira. Mas de qualquer maneira foi isso, eu entrei nesse período. Foi um período bem interessante também. Depois de um tempo a gente começa a imaginar. Um dia desses eu encontrei com a Beatriz Heredia. Aí... Veja que tinha os argentinos, que estavam vivendo situações limites. E ela... Ela, tinha o Martín Ibáñez-Novión também, que era dessa turma, e

tinha, daqui, entrando... Aí tinha um grupo, que era o pessoal, também, que foi, da Universidade no Rio, Fluminense e tal, os argentinos e... e eu, e tinha mais uma, que era professora aqui, da Universidade de Pernambuco. Então nessa parte, que eu comecei a contar essa longa história aqui mais porque, para fazer o mestrado, a minha colega já, da Paraíba, não foi mais. Então, ela não ia, ela não... Era uma... A gente nunca conversou para colocar essa história por que é que ela não foi. Mas aí a gente acha, até conversando mais recentemente com irmãs mais novas tudo isso, que era uma... foi uma questão da época mesmo. Como é que você vai sair daqui para estudar fora?

C. C. – Você ficou morando onde lá?

J.C. – Eu fui... Eu tive sorte. Eu fiquei... Eu cheguei lá e eu consegui uma vaga no Colégio Sion, na época, lá em Laranjeiras. Então eu consegui uma... Eu tinha uma colega, que era a Regina, ela era... que ela tinha sido... Eu nunca sei hoje. Eu acho que ela tinha sido freira do Sion, uma coisa assim. Morava numa casa vizinha. E aí ela disse que tinha essa possibilidade no Sion. E aí eu fui morar lá. Então, eu posso dizer que eu tive boas condições lá no Rio, para alguém que foi sem bolsa. Que foi sem bolsa. Depois de um tempo, a minha universidade conseguiu um recurso muito curto, muito curto, para que eu trabalhasse, para que eu... Uma ajuda, uma ajuda de custo. Não era uma bolsa efetivamente. E eu, naquela época, usava esse recurso, comprava livros na Leonardo Da Vinci, tinha uma conta lá, todo mês comprava, comprava um livro na Leonardo Da Vinci. Então foi isso. E dentro... E no Museu, realmente, foi uma... para mim também era um momento de... talvez o estranhamento maior que eu já [tive], assim, na vida, porque eu estou chegando nessa... Claro que o Museu... Até hoje eu acho que ainda é a instituição, assim...

C. C. – O Olimpo.

J.C. – É. Mas assim... E que isso tolheu também muito os meus colegas, às vezes. As pessoas tinham até dificuldades depois, porque consideravam como sendo quase impossível entrar ali. Mas eu consegui. Aí eu trabalhei, eu comecei a fazer os cursos, fazia os cursos, reunia as pessoas, tal. E fiz um dos primeiros trabalhos para o curso. Porque eu não sabia, não sabia como medir o que seria exigido de um trabalho final. Mas eu fiz o trabalho. E depois, quando

eu recebi avaliação, eu nem podia acreditar que eu tinha tido uma boa... Mas também foi uma... Quer dizer, eu às vezes fico pensando, e cada vez que eu fico pensando nessa situação de você viver, estar num outro lugar, estar no Rio de Janeiro, em que o sotaque, a fala é bem diferente, me inibia bastante. Eu tinha uma colega que falava... Ela era brilhante, eu achava, porque falava, se expressava tão bem. Mas eu fiquei muito tímida no início. Eu escutava mais, eu falava, eu... mas não era muito ativa. Depois eu comentei com um professor, numa avaliação geral, e não era somente eu, e muitas pessoas estavam tímidas naquela turma, também. Mas aí foi sendo...

C. C. – Você fez cursos com quem?

J.C. – Roberto DaMatta, eu fiz no início, Roberto DaMatta, Alcida Rita Ramos, que estava na época lá, eu fiz com o Castro também. Com o Castro, também, foi uma grande experiência, porque quando eu recebi o resultado do Castro... todo mundo tinha muito medo, e eu... que a secretária me falou, aí eu falei: “Eu não acredito”. Eu tinha tirado um A+ com o Castro. Eu disse: “Eu não...” Eu estava muito, muito surpresa. Aí ela falou: “Não. Isso foi mesmo. Eu acho que foi o único”. Uma coisa assim. [riso] Uma coisa assim que ela falava. Mas porque eu acho que fiquei com tanto... assustada, que tinha... eu devo ter... eu devo ter não, eu passei um tempo grande com esse trabalho para poder... achando que vai sair com Castro. E fiz também com o Moacyr. O Moacyr e o Otávio Velho. Porque o Moacyr tinha terminado o doutorado, e o Otávio estava terminando o doutorado em Manchester. Os dois deram cursos, sociedades camponesas, nessa época. Fiz com Roberto Cardoso também, Indivíduo e Sociedade. Eu assisti a umas aulas do Gilberto, mas eu não segui o curso dele, não. Eu assisti da Neuma Aguiar Walker também, que deu o curso de teoria. Um curso sobre Durkheim, que eu fiz também. Então foi esse período lá no Museu.

C. C. – E a escolha? O Roberto DaMatta acabou seu orientador. Como é que foi?

J.C. – Porque era assim. O Roberto DaMatta, ele estava sendo... Ele foi uma das pessoas que eu encontrei que para mim, também, naquela época, era muito interessante. Eu digo assim que era muito interessante encontrar, encontrar o Matta, encontrar o Roque porque eu tinha lido os livros deles. Eu lembro que eu tremi assim quando vi assim. Que era como se fosse... Como é

que alguém pode escrever um livro assim? Eu achava muito, muito importante isso, conhecer esses autores. Eu digo para os alunos hoje: “hoje vocês conhecem tanta gente, não é?” Mas não... assim, para mim não é... E aí quem era minha orientadora lá era a Alcida Rita Ramos. Comecei com Alcida. Nessa época houve a divisão. Roberto Cardoso de Oliveira foi convidado para ir para Brasília, e Alcida ia também. Então eles propuseram a mim para que eu fosse a Brasília. Você pode transferir para Brasília. Aí eu falei: “Não. Eu não vou para Brasília, não. Eu fico aqui, eu já estou aqui, eu gosto do programa; eu gosto muito de vocês, mas eu vou ficar aqui”. Mas aí quem é que ia ser?...

C. C. – Como foi essa?...

J.C. – Essa divisão lá do Museu. Veja. Tem todas as histórias das disputas internas, não é verdade? Mas também tem o caso que o Roque foi, o Roque foi. O Roque era muito amigo e colega do Matta. O Roque foi para Brasília e o Roque fez esse convite para a formação do curso em Brasília. Fez o convite depois... Quer dizer, foi o Roque e o Melatti. E aí eu não sei. Às vezes as pessoas falam que havia uma disputa nos dois Roberto, uma coisa assim. Mas de qualquer maneira... Eu não sei, sempre, depois... Eu não tenho uma certeza. O que é que estava em disputa na época eu não sei. Mas eles estavam... Eu falei: “Não, eu não vou para Brasília”. Então ficava a questão da orientação. Aí o Matta disse: “Não. Eu fico seu orientador”. Eu tinha feito um curso com ele, tinha ido bem e tal, então o Matta disse “eu fico como seu orientador”. Mas aí... assim... Tanto que... Quer dizer, o Matta foi meu orientador, mas eu não fui trabalhar, vamos dizer assim, uma... O tema que eu fui trabalhar na minha dissertação de mestrado foi uma comunidade de negros, que foi agora reconhecida como uma comunidade de quilombola, que é o chamado os negros do Talhado. Mas como eu explico para os meus alunos, eu disse: a minha dissertação no mestrado nem falava de mulheres trabalhadoras, que eram as mulheres dessa comunidade, nem falava dos negros. Assim, não tem o nome negros. Tem um estudo. Talhado: um estudo de organização social e política. Mas eu dou conta internamente da... Quer dizer, a minha dissertação fala do trabalho das mulheres e dos homens e da importância do trabalho das mulheres para a continuidade daquela comunidade, porque havia pouca migração entre os negros, e as mulheres trabalhavam, completavam, vamos dizer, as atividades básicas para aquela comunidade, para a vida econômica da comunidade. É agricultura e a cerâmica. Então... Mas nessa época, o que eu falei na minha dissertação de mestrado é como essas

atividades se davam, como é que os negros vinham à cidade, como eles viviam a relação deles com a cidade, mas não foi um tema, assim, que eu registrasse porque não era um tema acadêmico, vamos dizer ... forte. A gente sabe que Florestan tinha feito estudo sobre negros e tal. Mas aí eu estava falando era um estudo da comunidade, e comunidades camponesas, que eu estudei usando metodologia e teoria de comunidades camponesas.

C. C. – Antes de acabar o mestrado você já começou como professora aqui?

J.C. – Não. Foi assim. Eu fazia o mestrado no Rio. Terminei as disciplinas. Naquela época eram quatro anos. Quatro anos. Então, eu acabei as disciplinas, e abriu um concurso na Universidade da Paraíba, em Campina Grande, para professora auxiliar, e eu fiz esse concurso, e vim para a Paraíba nessa... Vamos dizer, era o momento, era a oportunidade que eu tinha, para quem trabalhou a vida inteira, eu trabalhei sempre, eu sempre tive um trabalho, e não tinha um trabalho nessa época. Eu terminei esse tempo no Rio, não tinha uma bolsa, só foi esse auxílio, como eu disse, foi por um tempo. Terminou, e eu vim para a Paraíba, então, como professora auxiliar, comecei a trabalhar lá. Era T12. Tinha uma época, diziam “é um contrato T12”. E eu comecei a trabalhar lá. E fazia também o meu trabalho de campo. Foi no sertão da Paraíba, em Santa Luzia. E trabalhei, então ficou nesse... Nesse tempo, eu comecei na Universidade da Paraíba.

C. C. – Você ficou na Paraíba quantos anos?

J.C. – Eu fiquei dezoito anos. Dezoito anos como professora de lá.

C. C. – Nesse meio tempo você fez o doutorado.

J.C. – Eu fiz o doutorado. Eu fiz o doutorado em Manchester. Foi em 1979. Eu terminei o mestrado em 1975. Depois, em 1979, em abril de 1979 eu fui fazer o doutorado.

C. C. – E por que o doutorado lá em Manchester em sociologia?

J.C. – Foi... É interessante isso também. Porque quando eu fui... Eu cheguei na Paraíba em... Quando eu defendi a minha tese, ou a minha dissertação de mestrado em 1975, foi um período que Lynaldo Cavalcanti assumiu – ele não é nada parente meu – [riso], mas ele assumiu a Universidade e ele queria realmente transformar o sistema de ensino, de pesquisa na Universidade. Então, na hora que eu terminei esse curso aí, os meus professores... Que eram todos meus professores, os professores do Departamento de... na época chamava Ciências Sociais e Humanidades. O Departamento reunia história, geografia, ciência política... tudo, tudo que não cabia em outros departamentos então esse departamento reunia. Ele foi depois transformado, esse departamento passou a ser o Centro de Humanidades da Universidade da Paraíba. E quando eu cheguei... O Departamento tinha sido alertado que deveria começar um trabalho para formação, para fazer cursos superiores, curso de pós-graduação, tudo isso. E como eu era a primeira a chegar com o mestrado eu fui chamada para assumir a chefia do departamento. Lembro que o diretor do Centro falou para mim assim... Que era o Centro de Ciência e Tecnologia, se chamava, mas o Departamento estava nesse Centro. Ele disse: “Salette, você foi indicada pelos professores, que era para você assumir”. Eu falei: “Mas eu não vou assumir”. Avisei para ele. Eu disse: “Eu não vou assumir. Eu acabei agora o mestrado, eu quero fazer pesquisa, eu quero fazer trabalhos”. Aí eles mandaram... Eu disse não, não quero, e fechei. Depois, um dia, o professor Lynaldo chegou lá em Campina Grande, eles mandaram me chamar. Eu fui. Aí eu disse a mesma coisa: eu quero fazer pesquisa, eu quero fazer trabalho. Aí ele falou: “Professora, mas a senhora tem que dar as condições para isso acontecer. Então é para isso que a gente...” Então foi, como eu digo sempre que foi assim, eu fui muito jovem ser chefe de departamento, chefe do Departamento e coordenar toda a expansão do Departamento; contratação de professores, e aí, nessa contratação de professores, foi mais ou menos uma decisão, que também não é uma decisão muito simples, até considerando a... vamos dizer, a configuração das forças locais, porque sempre as pessoas achavam que para ciências sociais qualquer pessoa pode ser professor, então fomos convidando, na realidade, vários professores, de várias instituições. Essa daí também era a minha ideia, de que não era para fazer lá nem algo que seja nem a USP nem o Museu Nacional nem... naquela época tinha Piracicaba também, na área de sociologia rural. Então, convidamos vários professores, que vieram nessa época também. Porque era um período difícil. Muitas pessoas tinham curso, mas estavam na ficha, também, do... do governo, que não podiam, então Lynaldo fez muito esse trabalho de conseguir liberação de muitos desses professores que vieram trabalhar na Universidade. E aí formamos o

primeiro curso de pós-graduação, que era um de especialização: sociologia rural para áreas irrigadas. Então, para esse curso, eu convidei...

C. C. – Em que ano começou?

J.C. – Em 1976 mais ou menos. É com Lynaldo. Mais ou menos 1976. 1976-77. Então esse curso foi em 1977, o primeiro curso de especialização. Aí, nós convidamos, veio o Moacyr, o pessoal do Museu, vários que estavam estudando sobre o Nordeste vieram, e outros, também, que eram da Universidade de Brasília, que eram do Ministério do Planejamento, vieram para esse curso: sociologia rural para áreas irrigadas, que deu origem depois ao curso de sociologia, que era sociologia rural, de mestrado, e depois ao programa de pós-graduação que tem hoje lá.

C. C. – Eu tinha lhe perguntado sobre a Universidade de Manchester.

J.C. – Sim. Manchester. Então. Aí, Manchester foi assim. Uma vez organizado essa parte do trabalho, então, agora é época... todo mundo deveria fazer... Naquela época, assim, cada um deveria fazer o curso de doutorado. Era a ideia.

C. C. – Devia ter poucos.

J.C. – Não tinha. Não tinha. Eu lembro que tinha... Eu era a primeira com mestrado. Então... Lembro que um professor, até que veio da área tecnológica... Porque também era uma oportunidade da... esse pessoal que vinha, porque vieram muitos, também, para a área da engenharia e tudo. Então eles achavam que também poderia ser contratado as... vinha, as mulheres, tal, nesse Departamento de Sociologia. E então, eu lembro que uma vez eu fui confrontada, um professor falou assim: “Dizem que a senhora só quer contratar doutor”. Aí eu disse: “De preferência. De preferência. Mas eu mesma não sou ainda. Eu vou entrar”. Então a gente preparou... Naquela época tinha o Capes, o PICD da Capes, para preparar as pessoas para saírem, para fazer o doutorado fora. E eu tinha uma... Eu já tinha estudado... Quer dizer, na minha trajetória, eu estudei francês logo cedo, eu tinha oportunidade na Universidade lá, porque eles ofereciam um curso, que era oferecido de meio dia à uma hora da tarde, e eu fazia esse curso. Porque também, no nosso curso da graduação, a gente estudou latim, francês, inglês.

Ali, então, tinha esse curso... Isso é um colégio estadual. Eu sempre digo isso, que era um colégio estadual. E, então, eu queria ir fazer na França. Era o... Eu acho que naquela época, talvez, era o sonho de todo mundo, era a França, tal. E aí eu comecei... Eu preparei o material, não tinha problema para fazer o exame da língua porque eu já tinha... e aí consegui mandar o material e ter uma carta de aceitação por Godelier. Godelier mandou dizer que ele... aceitava. E então, depois, eu fiz a seleção da Capes para a bolsa. Mas no meu projeto eu coloquei... Porque tinha duas universidades para onde eu poderia ir, que seria para França, Godelier, e a Inglaterra. E a Inglaterra, era na Universidade de Manchester. Que às vezes tem uma relação. As pessoas podem perguntar assim... Porque Otávio fez na Universidade de Manchester. É. O doutorado dele, fez na Universidade de Manchester

C. C. – Foi o primeiro no Museu a defender. A primeira tese do Museu é dele.

J.C. – A dele. É? Então. Interessante. Ele foi meu professor quando fazia ainda o curso lá em Manchester. E realmente eu estudei muito da literatura que ele... ele também trouxe da Inglaterra.

C. C. – [Incompreensível]

J.C. – Isso. Nessa época. Mas é interessante, porque eu nunca cheguei a falar diretamente, eu com Otávio, de que eu vou para Manchester. Assim, que tem essa possibilidade. Porque houve a reunião da ABA aqui em Recife, em 1978, eu acho que foi isso, e eu encontrei o Peter Worsley. É reunião da ABA aqui. E aí eu lembro que eu conversei com ele. Porque a gente lia esses autores. Conversei com ele, eu falei: “Então. Eu quero fazer, eu estou pensando... Mas eu estou aceita...” Não. Acho que eu não era aceita ainda, não. Eu disse: “Eu pensei que eu posso ir para França, se eu for, quem sabe, alguma vez eu vou lhe encontrar lá”. Ele disse: “Não. Tudo bem. Se você...” Tudo bem. Mas isso foi uma coisa de congresso. Mas eu mandei o meu processo para a França, estava aceita, e a Capes mandou a resposta. Eu passei na seleção, mas se eu quisesse ir para a França... Não. Para ir para a França, não. Se eu quisesse, para continuar, para ir para a Inglaterra. Então eu... Era um desafio. Outro desafio, porque mesmo que a gente no Museu lesse, todo mundo lia em inglês, tudo isso, a língua não era essa. Então eu pensei: está bom. Eu vou me preparar agora para fazer o teste para inglês. Aí fiz... Não. E aí

mandei os papéis para Inglaterra. Sim, porque também, para a Inglaterra, era um... eu acho que a tramitação...

C. C. – E era Correio mesmo.

J.C. – Era o Correio. E depois, vai... Eram várias instâncias. Não. Eram as várias instâncias da universidade. Então, eu passei por esses vários trâmites. E aí eles mandaram dizer que sim. Quando eu estava com tudo pronto já, agora para ir para a Inglaterra, eis que a Capes forma o Capes/Cofecub. E até mandaram, um dia, acho que mandaram uma mensagem assim, dizendo, hoje, dizendo: você pode ainda se... Eu falei: Não. Agora, eu já estou noutra direção. E fui para a Inglaterra.

C. C. – Salete, deixa perguntar um pouquinho dessa reunião da ABA no Recife em 1978. Uma reunião que foi...

J.C. – Foi quente.

C. C. – Foi quente, disseram. O Gilberto que assumiu a presidência. Foi em 1978?

J.C. – Era... Houve uma discussão muito grande...

C. C. – Mas era para ser outro. Como é que foi?

J.C. – Era. Foi. Então. Isso eu acho que eu... Bom. Nessa época foi uma discussão grande, que era a grande... Era a passagem, era de Gilberto e René Ribeiro, tudo isso. Eu não sei. Eu não saberia falar muito desse tempo, não, dessa reunião, não. Mas foi a grande... Até hoje eu não... Foi um momento difícil, na própria ABA, porque foi uma confusão.

C. C. – Mas por quê? O que estava previsto...

J.C. – Do Gilberto. Era entre... Houve uma discussão, eu não saberia falar muito. Acho que Antônio Mota... Eu tenho um colega que adora falar sobre essa situação toda, como é que foi.

Com Gilberto e... E o Castro? Não. Quem foi? Um outro. Tem um outro. O Thales de Azevedo. Não sei. Tinha alguma... Tinha uma discussão desses dois. Quem era, quem deveria ser a ABA.
– O Thales ia assumir, não é?

J.C. – Ia assumir. Então teve essa história. Eu não sei, não poderia contar muito assim. Mas essa reunião foi uma reunião muito... assim, muito especial. Mas aí, nisso, eu acho que quando a gente... Naquela época, eu não estava na... assim, de pensar nas associações, de quem é que está... Porque hoje a gente sabe, tem a negociação da chapa. Então, isso não era... não me pertencia, vamos dizer, eu não era... caso. Mas nessa reunião... quer dizer, várias coisas aconteceram. Mas eu me lembro que eu também... Houve uma reunião. A abertura foi na Fundaj. Gilberto Freyre recebeu as pessoas... Foi assim uma... Com o licor... [Tudo] reunido, tal. Então... Assim...

D. M. – Licor de pitanga.

J.C. – É. Licor de pitanga. Bom. Mas aí... Foi isso.

C. C. – Está bom. Na Inglaterra, como é que foi a sua experiência?

J.C. – Não. A minha experiência na Inglaterra foi também uma experiência... Foi todo um momento bem interessante, muito importante. Então. Eu fui para a Inglaterra com uma proposta, quer dizer, eu estava trabalhando sobre os camponeses, sobre a experiência da sobrevivência, o debate e tudo isso, então eu cheguei lá e comecei a trabalhar com Peter Worsley. Peter Worsley, na realidade, trabalhava com... ele era inicialmente do Departamento de Antropologia. Mas eu fui... quando eu fui, Peter Worsley já estava no Departamento de Sociologia. Isso é um pouco da história das instituições. Porque o Peter... Tinha o Departamento de Antropologia de Manchester, e eles achavam... Depois eu soube mais, assim, quer dizer, a história. Porque não se concebia ter uma antropologia do Terceiro Mundo, entrar. Eram os de sempre, vamos dizer, do tempo de Gluckman, tudo isso. O Departamento de Antropologia. Então o Peter e mais outros antropólogos, o que veio depois, também, ser meu orientador, Bryan Roberts, e também outros que vieram para o Departamento de Sociologia. Fundaram a sociologia. A fundação desse Departamento, é um departamento fundado com os

dissidentes da antropologia. E eu começo a trabalhar com Peter Worsley. E lá estão também, nessa época, o Teodor Shanin, que era sobre estudos do campesinato, também [Rami Salavi], que vinha do Paquistão, que trabalhava com os movimentos sociais, trabalhava... e também estava... estava o Bryan Roberts, que trabalhava também... tem um livro com Norman Long, no início, que era sobre cidades e camponeses, e vários outros que estavam no Departamento. Muito bom. O Departamento era muito animado nessa época, tinha muitos alunos, de vários lugares. Da América Latina, tinha gente da Colômbia, tinha do México, do Brasil tinha alguns. Por exemplo, quando eu cheguei lá, acho que na primeira semana, a Bila Sorj estava terminando o doutorado. Eu me lembro que eu fui a única que... Eu nem sabia que na Inglaterra não se entra para a defesa assim, eu fiquei esperando por ela lá. E a Bila Sorj defendeu a tese naquela época, quando eu cheguei. Aí foi também o Bernardo Sorj, também fez o doutorado lá, na área da sociologia.

C. C. – Agora... Não. Termina o que você estava dizendo.

J.C. – Não, não. Mas aí... Foi isso. Eu entrei, quer dizer, foi... Eu tive... Posso dizer assim, que foi... Eu fui muito bem acolhida, na Inglaterra também. Foi assim no Departamento... Esse meu orientador, que era o antropólogo, que tinha estudado China e tudo, mas que escreveu... Primeiro Mundo, Terceiro Mundo, ele... ele era [] da crítica, e também, dentro da antropologia, também, tem a famosa crítica... os debates internos, que Peter Worsley era uma figura importante. Então eu fiz. Nesse tempo, na Inglaterra, também não era exigido que a gente fizesse créditos, era aberto. Muito livre.

C. C. – Era muito mais livre tutorial não é ? .

J.C. – É. Mas eu tinha feito essa coisa do Museu e tudo, eu falei: “Não. Eu vou... Eu faço os cursos”. Eu fiz um histórico meu. Eu fiz o curso de metodologia, sociologia, até sociologia da saúde eu fiz. Vários, vários cursos eu fiz. E tinha um seminário, chamava-se Seminário de Desenvolvimento, que era, cada semana, com Teodor Shanin, [Rami Salavi], em que a gente tinha grande discussão sobre camponeses do mundo inteiro.

C. C. – Quanto tempo você ficou na Inglaterra?

J.C. – Eu fiquei... Foi meio recorde o meu tempo de realização do doutorado porque eu fiquei três anos e três meses. Eu defendi a tese. Eu entrei em 1979, em abril, e aí, quando foi em julho de 1982, eu defendi. Então foi, até para a Capes foi... assim, eu mandei avisar que eu estava terminando, e foi muito bom porque... devolvi em bolsa, quer dizer...

C. C. – Você veio fazer pesquisa.

J.C. – Fiz. Seis meses, no Brasil ainda.

C. C. – Nesse meio tempo. O brejo paraibano.

J.C. – Nesse meio, eu vim. Vim. Eu já tinha trabalhado nesse... feito pesquisa sobre os projetos de desenvolvimento rural, tudo isso; depois, eu vim e mergulhei normalmente no campo e realizei a tese ali. E depois eu... Realmente, eu acho que eu trabalhei... Eu estava conversando ontem com alguém, falando assim, que eu resolvi fazer o trabalho... eu disse que eu dava um pouco de... ao meu orientador, eu deveria dar um pouco de trabalho, porque eu entregava o capítulo e falava: “quando eu posso discutir?” Aí ele falava: “Tudo bem, Salete, está tranquilo. Você pode tirar uns dias de férias e tal”. [riso] Tudo bem. Quer dizer... Eu dizia: “Não. Tudo bem”. Mas eu... terminei. Talvez, se eu fosse pensar hoje, assim, “ah, bem que eu poderia ter deixado a tese, assim, levar um tempinho mais...” Mas eu voltei, eu voltei em julho de 1982, eu voltei para o Brasil e... começar a trabalhar.

C. C. – E aí você está pesquisando já, trabalhando com esse tema de sociologia rural, sociedades camponesas, campesinato... São os termos muito usados na época. Como é que era esse campo, ainda mais... A gente avançando um pouco, a gente vai voltar depois. Pensando hoje, quem estuda sociedades camponesas, sociologia rural, qual é a diferença, trinta e cinco anos depois?

J.C. – É. Trinta e cinco anos depois. É. 1982, 86. Trinta e seis anos, mais ou menos, agora, que eu terminei o doutorado.

J.C. – É. Trinta e cinco, trinta e seis do seu doutorado. É em 1979 que você entrou. Quase quarenta anos.

J.C. – Eu entrei em 1979. Quase quarenta anos que eu... com essa...

C. C. – O que é que era essa sociologia rural, campesinato, e hoje?

J.C. – Então. É. O que era então. Nessa época estava... Quando eu saí daqui, eu tinha feito essa... Esse estudo que eu fiz sobre as comunidades negras, eu usei... mas todo o conhecimento sobre sociedades camponesas, como é que era a formação de sociedades camponesas.

C. C. – Era Chayanov?

J.C. – Era. Chayanov. Exatamente. Então. Estava trabalhando na organização... Sociedades camponesas era obrigatório no Museu.

C. C. – O nome era sociedades camponesas...

J.C. – Era sociedades camponesas. E quando eu cheguei lá... Tanto que quando eu cheguei em Manchester, eu fui olhar, tinha um curso de sociedades camponesas na antropologia, aí eu fui olhar, eu vi a bibliografia, eu disse: mas é essa que eu estudei no Museu. Eu estava... Eu disse: então, estamos nessa também, eu aqui...

C. C. – Você não estava atrasada em relação a outros.

J.C. – Não. E o Otávio tinha chegado, eu acho que também, com isso, por literatura e tudo isso. E também... Aí o Moacyr vinha da França, também, com uma outra discussão, a problemática de participação política de camponeses, então os dois se complementaram muito bem, eu acho, nessa disciplina. Bom. Então naquela época estava sendo... Era um momento muito importante. Foi logo... Foi anos depois que o Shanin terminou a dissertação dele sobre os camponeses russos, que era sobre [], que ele fez, comparando Chayanov e Lenin, era o debate, para entender os camponeses russos. Então as disciplinas eram para discutir sobre a presença dos camponeses que foi uma presença negada no discurso, negada durante muito tempo, os camponeses, que era toda a literatura... mesmo a escola de Chicago, tudo isso, os camponeses vão desaparecer, a relação campo cidade, e assim...

C. C. – Contínuo rural – urbano.

J.C. – É. Contínuo rural – urbano. Toda essa literatura que a gente conhecia e que estava ali. E nos cursos, os cursos do Shanin, tudo isso, era como se fosse assim, olha, então... Todo o debate, o debate que foi realizado, “os camponeses vão desaparecer”. E de repente... Também, a outra questão, a versão sobre a não participação dos camponeses, subserviência, submissão, tudo isso, aí ele vai discutir com... o que é que aconteceu com a Guerra do Vietnã. É de repente. Eu lembro que o Shanin falava um pouco assim: “a Nação mais militarizada, mais capitalizada do mundo se dá conta de que os camponeses existem”, pelo movimento, pela rebelião. Então o esforço desse debate da disciplina e esse seminário do Shanin... Que era uma coisa fantástica. É interessante você pensar nisso porque você diz: na Inglaterra não, não tinha, não precisa de fazer curso, nem nada. Mas esse seminário, é um seminário que demorou uns dois anos, quer dizer, que você podia ir cada semana, você participa desse seminário. E as situações do mundo inteiro estavam sendo discutidas. Está discutindo o que está acontecendo, e também os grandes... era aquele um grande momento, os projetos de desenvolvimento rural. Tinha um pessoal da Índia, pessoal que vinha da América Latina e tudo isso. Todo mundo tinha essa preocupação, porque era esse o grande momento... Se a gente for voltar para hoje, agora, por exemplo, nós estamos com um projeto de pesquisa agora, trabalhando sobre questões de agroecologia e tudo isso. Naquela época era: o camponês irracional, tem que ser transformado, tem que ser mudado, então os grandes projetos... a revolução verde. Então isso nós estávamos, naquela época, analisando criticamente, a interferência, a intervenção que era feita no modo de vida dos camponeses, nas formas de organização camponesa, por esses grandes projetos apoiados pelo Banco Mundial e tudo isso. Então essa foi... Esse momento no mundo era interessante porque a gente observa o seguinte: o renascimento do sujeito e da categoria de camponeses, e a academia tentando responder ao que estava acontecendo. Então a minha tese de doutorado é *The Making of Peasant Survival*, quer dizer, o que torna possível essa sobrevivência dos camponeses; e vou trabalhar também com esses projetos de desenvolvimento, o papel do Estado e a grande... vamos dizer, e o protagonismo camponês, seja aceitando ou negando como foi... como era observado.

C. C. – Cinco anos depois você fez um ano, mais ou menos, de pós-doutorado, aí nos Estados Unidos.

J.C. – Eu fiz. Nos Estados Unidos. Aí nesse tempo, eu voltei dessa...

C. C. – Que era também a sociologia rural.

J.C. – É. Eu voltei nesse tempo, eu voltei de lá, logo depois eu sou coordenadora do programa de sociologia e trabalho. Aí é 1987 mais ou menos, isso aí. Cinco anos depois eu vou fazer um pós-doutorado nos Estados Unidos, em Madison, Wisconsin, que era um centro de estudos rurais. Muitos dos sociólogos rurais brasileiros estudaram lá também. E era como se fosse... Depois eu escrevo um artigo falando da sociologia rural latino-americana e a nova sociologia da agricultura que se desenvolve nos Estados Unidos. E nessa época que eu fui estava exatamente nesse momento da discussão. Tinha um teórico muito importante que estava em Madison nessa época, que é o Fred Buttel. [soletra] E ele, infelizmente morreu muito cedo, mas ele nessa época, ele... estava também o movimento lá. Tanto que depois, quando eu volto, tem uma discussão aqui na... até foi no Rio de Janeiro, que deu origem depois à Rede Rural. Mas era a outra discussão então, que era essa discussão aqui. Um pouco se rechaçava essa questão de dizer sociologia rural, desenvolvimento de comunidade, transformação, tudo isso. Mas lá, então, está havendo essa grande discussão. Eu tive grande oportunidade. Tinha o Archibald Haller, que ele era mais... Vamos dizer assim, ele estudava mais sobre populações, transformações e tal, o Haller. Mas aí eu fui trabalhar com... Eu trabalhei com... Ele foi mais ou menos o meu orientador lá, e eu trabalhei com Eugene Wilkening, que também estava... Na época havia esse... vamos dizer ressurgimento na Europa, que é a questão dos agricultores familiares e dos camponeses. E aí trabalhei com ele e com... E essa discussão, começou então a minha discussão sobre a questão da internacionalização da sociologia rural. Quer dizer, pensando num debate que depois eu vou entrando nessa questão da globalização.

D. M. – Professora, pensando um pouco a sua trajetória enquanto professora de um departamento. Como é que foi a experiência de chegar, tão jovem, entrar no Departamento de Campina Grande e lidar com essas outras realidades tão complexas do ponto de vista institucional mesmo? Como é que foi esse seu olhar, que estava aprendendo com a burocracia, por assim dizer, o lidar com esses outros universos? Como é que foi essa experiência?

J.C. – Essa experiência não foi... assim, um ponto assim... Primeiro não era algo que eu queria mesmo. Aliás, eu acho que eu sempre assumi posições assim, mas eu nunca... não era algo assim, que eu dizia: “não, isso é muito importante para mim”, não. Eu vou porque eu acho que

é importante. Eu digo isso hoje até, meus... que foram meus orientandos, ex-aluno disse: “não, eu não quero pegar”, [eu digo]: “Não. A gente tem que assumir, porque...a gente precisa assumir. As instituições não podem ficar... se você só ficar de fora... Não. Você precisa assumir”. Mas, quando eu cheguei nesse departamento... e também porque o departamento era... todos eles tinham sido meus professores. Os professores eram juízes, advogados da cidade. Tinha isso também. Tinha posição. Não era... Assim, eram professores com muito... vamos dizer assim, já bem institucionalizados. Era uma situação muito... muito bem estabelecidos, vamos dizer, todos eles, em geral, eu acho que era... todo mundo eu acho que era... Assim... Eu era a mais nova, a nova mais do grupo. A primeira experiência foi com a secretária. Eu lembro que estava mudando a... Eu cheguei na secretaria, a secretaria me adorava, assim, porque eu tinha sido monitora, eu fui monitora várias vezes e tal, aí, ela estava organizando, ela disse assim: “Ah. Eu vou tirar...” Porque a chefe do Departamento tinha sido uma mulher, a anterior, uma colega, aí ela disse: “Agora, eu já sei que vai vir... Eu vou arrumar essa mesa porque vai vir um homem para esta mesa”. Ela estava organizando tudo lá. Aí eu disse: “Tudo bem”. Eu já tinha sido contactada, mas eu... a ela: “É mesmo. Está certo”. Eu digo: “Deixe disso. Vamos ver”. E então, quando eu vou... Porque, na realidade, houve um consenso... Não sei. Um consenso mais ou menos assim. A minha professora Ruth Almeida, ela era também muito reconhecida lá, e tinha um outro professor, que escreveu a Sociologia das Secas, o professor José Lopes de Andrade. Não sei se vocês conhecem. Ele tem um livro. E ele era geógrafo, e fazia sociologia das secas. Então ele achava... Ele era do planejamento da Universidade. E eles achavam que era importante que eu pudesse ser a chefe do Departamento. E na realidade, eu acho assim, eles não estavam interessados em eles serem o chefe do Departamento, principalmente nessa hora que era de muito trabalho mesmo. Tanto que depois, para organizar como é que vai ser, eu sei que a professora Ruth Trindade de Almeida, que era minha orientadora, ela aceitou ficar sendo a vice, minha vice no Departamento de... o chefe do Departamento. Mas ela até conta hoje. Ela disse: “Eu pensei: Ah! Salette está aí vendendo juventude, saúde... Não. Ela vai assumir”. Aí, nesse período, acho que eu estava já há um ano, ano e pouco que eu era chefe do Departamento, eu tive um acidente de automóvel. A gente vinha de uma colação de grau, de Areia, do município de Areia, e o carro virou, o motorista morreu e tal, e eu fiquei um tempo fora [de] lá. E ela teve que tocar tudo. Ela falou: “Nunca mais eu vou pensar nisso. Nem penso que as pessoas vão ficar para sempre”. Bom. Mas aí foi... esse período foi muito.. Quer dizer, foi estimulante, mas... Assim, o que eu vejo de hoje, eu

tinha esse apoio, vamos dizer assim, eu tinha esse apoio porque as pessoas eu acho que estavam... Eram pessoas mais velhas também, elas não estavam muito interessadas nesse... Eu acho assim. Mas de qualquer forma, era para formar. Quando eu saí do Departamento, tinha cinquenta e dois professores. Então, aí que vem... com várias... a contratação, que eram professores colaboradores, então que vieram de várias partes do país. Nessa época eu fui falar com Florestan. Florestan estava ainda... Ele indicou algumas pessoas, tal, para a gente formar esse departamento. Aí chegaram muitos outros. E claro que houve as disputas também. Porque as pessoas estavam chegando... Também tinha isso, quer dizer, chegando, aí vão dizer: onde está o poder, onde estão os recursos, onde estão... aí tudo. Mas éramos todos... Aí no final, que as pessoas foram chegando, mais ou menos tinha... Não sei se você chegou a conhecer – não, acho que não –, a Gisélia Potengi. Gisélia foi professora, foi lá do Museu também. Foram vários. Maria Ignez Paulilo. Várias pessoas assim. Tanto que hoje em dia, quando a gente encontra assim, parece que tinha uma diferença, e às vezes eu até... eu era um pouco das mais novas entre elas, mas parecia que... como eu estava chefe do Departamento. Mas foi isso. Foi um momento... Eu considero que foi um momento muito importante. Desafiador. Desafiador. E também fizemos um curso de museologia e convidamos o... veio o... que fez mestrado também no Museu, o Ratier, o Hugo Ratier veio, para fazer o curso de museologia, formamos... Eram muitas atividades nessa época. Então foi... essa experiência foi marcante. Não foi... Não vou dizer que foi fácil, não. Mas eu tinha que... Por exemplo, eu sofri primeiro o boicote da secretária. A primeira coisa. Porque a secretaria, eu acho que ela se sentiu muito... um pouco desprestigiada. “Então, chegou essa menina que antes era uma aluna, agora está... ela está sendo agora isso aqui”. Mas aí eu contornei bastante isso, porque eu cheguei para o diretor do Centro, eu disse: “Eu quero uma secretária”. Ele falou: “Como? Você tem uma secretária”. Eu disse: “Não. Eu preciso. E você vai dar uma promoção à secretária”. Porque eu queria que ela saísse... assim. Aí ele: “Não. Mas que história é essa?” Resolvemos nessa época, e ele ofereceu um outro trabalho. E ele: “Mas como é que eu vou falar?” Eu disse... Lembro que tinha um professor visitante importante dos Estados Unidos. Disse: “Pronto. Fala que vai ser a secretária do dr. Wilkinson”. Então, ela saiu muito bem, ela saiu feliz. E então a gente conseguiu uma secretária que foi trabalhar [comigo].

C. C. – Eu ia perguntar. Depois de dezoito anos na Paraíba como professora, em 1992 foi que você veio para...

J.C. – Em 1992 eu vim para cá.

C. C. – A Universidade Federal de Pernambuco. Por que a mudança?

J.C. – Não. Nessa época... Foi assim. Em 1992 foi a época Collor, o período Collor. Eu tinha começado a trabalhar, como eu disse, como professora desde cedo, tinha carteira assinada, tudo isso, então nessa época eu já tinha o tempo para me aposentar. Os vinte e cinco anos.

C. C. – Se aposentou onde?

J.C. – Na Paraíba. Então foi meio um choque porque... quando foi nessa época Collor... Até eu fico pensando, hoje em dia nós estamos vendo essa situação assim. Nessa época eu juntei todo meu tempo, deixei na universidade, eu disse: “Se acontecer qualquer problema – avisei lá – então dá entrada. Se não, segue como está”. E aí eu estava na SPBC no Rio de Janeiro quando eu recebi o recado que eu estava aposentada. Então, por uma... Estava na secretaria na Universidade... Eu acho que foi nesse período. Eu teria que parar para analisar o que é que aconteceu que então deram entrada na minha aposentadoria. Aí, com essa... Foi meu choque, lembro que... Não sei se você conheceu Gian Mario Giuliani e Paola Cappellin que trabalhavam lá no IFCS. Eles fizeram um jantar para mim. Porque eles trabalharam com a gente lá nessa época. Regina Novaes. Esse grupo todo trabalhou lá. Aí eles fizeram um jantar. “Que bom, Salete. Você merece”, e tal e tal. Mas eu fiquei muito impactada com a situação.

C. C. – Era muito nova também.

J.C. – Muito nova. Então eu disse... Aí eu fiquei... Nesse tempo eu trabalhei assim, como nunca. Trabalhei um ano dentro da Universidade, aposentada, sem ter obrigação nenhuma, e eu trabalhei como um... Nem sei. Com as orientações dos alunos e tudo. É claro que neste momento, se a gente for analisar, eu estava numa posição assim... eu era de Capes, Anpocs, várias associações já, então eu imagino que também internamente já era um pouco assim, então... mas que... quem sabe vai ter uma mudança, uma mudança. Então uma primeira história, então, que surgiu foi assim... E era também o novo para a universidade. Então disse que eu não podia ficar com meus orientandos porque eu agora estava aposentada. Aí eu disse não. Aí eu falei para os meus alunos orientandos: “Vocês vão ficar. Se não ficar aqui, vai em qualquer

lugar, mas eu vou terminar com vocês”. Eu tinha vários orientandos. Um ganhou prêmio de Sober, tudo isso. Mas era um momento de... de mudança mesmo. Eu fiquei... Não foi fácil também, não. Tanto que aí, passou um tempo, eu fiquei pensando que eu poderia até ficar trabalhando assim; mas aí não dá para você ficar fora de instituições nem nada. Aí nessa época eu tive um convite daqui e tive um convite também do Ceará, [professor Paulo], para ir, então eu preferi ficar aqui em Pernambuco. E fiquei. E você sabe, vão fazer vinte e cinco anos que eu estou aqui, agora. Eu entrei em 1993.

C. C. – Mas aí você fez outro concurso?

J.C. – Fiz um concurso. Não. Eu entrei aqui como visitante. Foi interessante. Eu vim como visitante para o Departamento de Sociologia. E aí eu disse: eu não vou querer fazer... Nessa época não podia. Eu disse: eu não quero fazer concurso. Assim, era mais uma atitude assim, eu disse: eu não vou entrar para tomar um outro lugar. Aí depois chegou um dia que o pessoal do Departamento estava... abriu concurso para doutorado, e não tinha ninguém. Ninguém. Eles já tinham perdido uma vez a vaga. E tinha de novo... Então eles falaram assim: “Você deve se candidatar, porque a gente vai perder a vaga, tal”. Aí foi, eu acho que foi até uma coisa importante, porque senão eu não estaria aqui até agora. Então eu fiz o concurso para antropologia. Então, você veja que eu... a minha circulação um pouco, da sociologia e antropologia, porque eu tenho essas duas bases, e como eu digo sempre, eu tenho um doutorado, eu fui para o departamento que era dissidente desse...que foi em sociologia, a dissidência da antropologia. Mas aí eu fiz para antropologia. E aí fiquei num... até... acho que uns dois ou três anos, ou quatro, não sei bem, houve de novo a divisão do Departamento. Porque o departamento era de ciências sociais. Aí eu tinha que dividir, se eu fico na sociologia ou na antropologia. Então aí eu fiquei na sociologia. Eu já tinha... Porque desde que eu cheguei aqui até... Aliás, desde que eu cheguei aqui, eu sempre trabalhei nessa sala. Sempre foi aqui. E então eu fiquei na sociologia. E trabalhei aqui. Fui coordenadora também, depois, no programa. Foi assim também num momento... Eu vim para cá também num momento especial daqui, do programa. O programa queria formar o doutorado, queria... Estava num outro... num momento assim. Foi aí que eles me convidaram. Aí eu vim, fui ficando. E estou, vou completar agora vinte e cinco anos aqui.

C. C. – Bom. Você tem o tema das sociedades camponesas e tal. Mas você dá também o curso de sociologia do turismo?

J.C. – Ah. Dei também, na graduação.

C. C. – É curioso. Porque é um tema que me interessa.

J.C. – É. E ele lhe interessa. Então. Porque eu comecei então a trabalhar... É um pouco da história da minha formação também. Quando eu comecei a... Desde que eu estava em Madison, que eu comecei a questionar a internacionalização da sociologia, eu fui entrando também nessa grande... no grande debate que é hoje da sociologia da agricultura. Tem um grupo de pesquisa especial na ISA, que é o RC40, é sociologia da agricultura e dos alimentos.

C. C. – Você vai no?...

J.C. – Eu vou agora para Toronto. Vou.

C. C. – Eu vou também.

J.C. – Ah. Que ótimo.

C. C. – Eu sou vice-presidente agora do RC01. Forças Armadas e resolução de conflito.

J.C. – Ah, é? Então. Eu sou do... Eu termino agora meu mandato de quatro anos. Eu tinha ficado uma vez quatro anos e fiquei de novo quatro anos no comitê executivo. Até ontem eu estava trabalhando nos relatórios finais da gente, eu estava trabalhando sobre isso. Então eu comecei a discutir... Sim. Aí fui começando a trabalhar com essa questão da internacionalização, e esse grupo também começa a trabalhar com essa questão da globalização dos alimentos. Esse grupo é o fundador, vamos dizer, dessa sociologia da agricultura e dos alimentos.

C. C. – Mas em que momento essa questão da globalização dos alimentos entrou na pesquisa?

J.C. – Entrou em 1993 mais ou menos, que foi quando eu fundo aqui o grupo Globalização e Agricultura. Eu fui em 1990... 90/91, eu fui passar um tempo em Manchester, depois eu fui... aí eu fui encontrar com o pessoal que estava trabalhando com [] na Universidade de Cardiff, sobre a globalização dos alimentos. Então eu estava... Como eu estava chegando aqui em Pernambuco, eu queria iniciar um projeto de pesquisa aqui, relacionado a Pernambuco. Quando eu cheguei aqui, eu sabia que este programa aqui tinha sido o PIMSE, que era o Programa Integrado de Mestrado em Sociologia e Economia, e eu nunca via essa relação do pessoal da economia com a sociologia. Então, quando eu cheguei aqui, eu quis encontrar quem é que estava trabalhando nessa minha área. E aí eu encontrei o professor José Ferreira Irmão, aí começamos a conversar, ele falou: “Nós estamos trabalhando nessa área. E tem um professor que vai vir aqui, que vem de Cardiff e tal...” – “Ah. Então, que interessante”. Aí, eu tinha sido convidada por Manchester para passar umas duas semanas lá, uma coisa assim, eu fui encontrar o professor Terry Marsden. E aí começamos com um trabalho no Vale do São Francisco, que era para estudar a expansão da fruticultura e os novos mercados, a inserção de frutas daqui nos mercados globais. E comecei a estudar isso. E então eu comecei a estudar o que é que acontece com a globalização dos alimentos. Tinha um trabalho muito importante do Jack Goody sobre as flores, sobre a cultura das flores. Depois vou estudando mais sobre o trabalho das pessoas nesses lugares especiais para frutas de exportação, vou trabalhando com o Meillassoux, eu vou criando uma relação com esse... que aí eu volto para as minhas ligações com a antropologia, porque são esses autores que estão estudando sobre a questão da relação dos locais, vamos dizer assim, com o mundo dos alimentos, com... E então eu começo a compreender mais e a trabalhar com outros autores. Por exemplo, alguém com quem eu entrei em contato também, com John Urry, que estuda turista, tem um livro que é traduzido em português, O Olhar do Turista, e com...

C. C. – Morreu há pouco.

J.C. – É. Pouco tempo. Então... Mobilities, ele tem a revista Mobilities, a coisa da mobilidade, então eu convidei, ele veio aqui, o John Urry, no seminário da... o Congresso Brasileiro de Sociologia que a gente organizou aqui em Pernambuco em 2007. Está aí no livro que a gente organizou. John Urry. Então, trabalhando com isso. Então o John Urry, a revista abre muito esse leque, para trabalhar com turista e com a globalização, a mobilidade. Então... Bom. Mas

não é... A minha experiência com a sociologia do turismo vem assim: a cada ano tem um leque de disciplinas que você deve oferecer, então você dá para o curso de ciências sociais, e tem também o curso de turismo, então eu falei: “ah, então, eu acho que eu vou dar esse curso de sociologia do turismo”. E que é uma experiência muito boa. De vez em quando eu repito esse... dou uma vez essa disciplina. E os alunos, normalmente, eu tenho tido uma boa avaliação nessa disciplina, eles gostam disso aí. Eu trago um outro... Eles até falam que eu abro o campo para eles, para o turismo assim, porque eu...

D. M. – Mas é no curso de turismo.

J.C. – No curso de turismo. Sociologia do turismo.

C. C. – Salete, você participou também de comitê de avaliação de Capes. Como é que foi essa experiência?

J.C. – É. Essa questão da avaliação de Capes...

C. C. – Quem tem boa nota fica contente, quem não tem não fica contente.

J.C. – Quem não, não fica contente. Mas tem sido uma experiência muito boa. A primeira vez que a gente fez um trabalho sobre a pós-graduação foi na Anpocs. Eu fiz um trabalho com... A gente foi da comissão de pós-graduação. Eu, o Roberto Cardoso de Oliveira, Alice Abreu. Nós fomos os três, eu acho, nessa comissão. Acho que éramos três. A gente fez uma análise sobre a pós-graduação no Brasil, tudo, com Roberto Cardoso. E aí depois eu fui para o comitê da Capes. E foi muito interessante. Eu acho que é um momento muito bom, muito importante. Está ficando muito... os últimos anos assim, porque tem... o número de programas aumentou bastante.

C. C. – Você tem uma visão geral do Brasil.

J.C. – É. É uma visão geral que você tem do Brasil. E eu fiquei... estou impressionada com o número, como tem crescido. Porque uma época que eu fui do comitê, eu acho que eram vinte

e cinco, agora já tem cinquenta. Tem um número grande de programas na área de sociologia, então a disputa é muito grande. Mas é uma experiência muito boa. Tem sido uma experiência muito boa. A gente tem tido, vamos dizer, também coordenadores muito... muito trabalhadores, muito sérios, então eu acho que a gente tem desenvolvido um trabalho interessante. Sempre é estressante, eu acho, julgar, avaliar, tudo isso. Mas eu acho que isso tem contribuído para um bom encaminhamento, eu acho, da pós-graduação brasileira nessa área. Eu acho que a gente... Se a gente observa, em alguns anos... Vocês estão vendo aí, quer dizer, a ISA, a participação dos brasileiros na ISA, então...

C. C. – É. Tem crescido.

J.C. – É. Tem crescido. Mas eu acho que é uma experiência muito boa.

C. C. – Você é professora titular, em 2010?

J.C. – 2010. É. Foi o último concurso que teve. Porque agora é... a gente... o concurso é por ano, assim, por avaliação contínua, uma coisa dessa. Então foi uma experiência bem interessante. Porque os candidatos fomos eu e Scott.

C. C. – Fez o memorial.

J.C. – Fiz um memorial. Até já insistiram muito para publicar, eu ainda disse: vou parar um pouquinho para fazer essa publicação.

C. C. – Mas eram dois candidatos.

J.C. – Eram dois candidatos. Fomos eu e Scott. Russel Scott. Eram dois. Fizemos. Mas foi muito... muito bom, muito bom mesmo essa... Foi assim... Era... É como... Chega o momento da sua carreira que é... É um pouco isso da carreira. Que até eu acho que hoje, às vezes, ficou... reduziu um pouco essa questão de que você tem uma carreira e que você tem que ir ao último degrau; e ascender por trabalho. Eu sempre digo que eu sempre tive que fazer concurso para todas... Em todos os momentos eu tive que fazer algum concurso para poder entrar nesse

trabalho. E esse aí foi. Mas foi... Foi interessante, foi muito bom. Claro. É um momento que você se expõe muito, como eu estou me expondo aqui também, com essa entrevista; mas eu guardo umas experiências muito bonitas nesse momento. E vocês estão sabendo...

C. C. – Imagina. Mas tem uma pergunta, antes de encerrar, que eu sempre faço, que eu acho muito interessante. Eu pergunto para praticamente todos ao final. Se você tivesse que destacar um livro, uma leitura que você fez que... nossa! mais importante, nessa trajetória aqui, o que é que vem à mente?

J.C. – Uh... É uma boa pergunta. Um pouco... Se eu pensar numa... Eu acho que eu não fiz muitas... Eu estou pensando, quer dizer, com alguns livros que quando você chegar... Até escrevi isso no meu memorial. Eu disse que eu tinha... que talvez o meu sonho fosse fazer o que Jack Goody fez com a cultura das flores, que eu pudesse fazer sobre a cultura das frutas. É. Porque ele faz sobre a cultura das flores... Não é cultura. É assim, como é que dá conta do processo da globalização das flores, que ele vai fazer, então eu, como eu tenho seguido essa questão da globalização dos alimentos, seguido os migrantes, então eu tenho essa... posso... Estou até pensando aqui. Quer dizer que esse é um livro que eu acho importante porque... Os outros livros... Aqui a gente tem que pensar assim, um pouco... livro que são menos...

C. C. – Não. Claro.

J.C. – Mas que têm uma... E um outro livro, que é o A Economia da Vida, do Meillassoux. Nesse livro do Meillassoux, ele faz uma análise... Meillassoux, que estuda... Ele é muito conhecido aqui quando ele vai falar do livro sobre mulheres, capital, falando até. E nesse livro da Economia da Vida ele fala sobre o que é que acontece com a grande transformação da agricultura, que deixa de ser uma agricultura que promove – como ele tratou num outro, como um espaço para as famílias, que acolhe os migrantes, que oferece uma oportunidade para aqueles que são... se desagregam, vamos dizer assim, os que são expulsos pelas estratégias do capital, de chegar às comunidades. Então, nesse livro A Economia da Vida, ele vai analisando como se chega o momento que, para esses migrantes, não têm o lugar para voltar porque já não tem mais os espaços da agricultura, os espaços da comunidade de origem. Então eu acho que esse livro me dá um pouco, quer dizer, é um impacto que me leva a pensar eu acho que no

grande momento que a gente vive desse mundo que é a possibilidade de construir espaços para a vida desses migrantes. Então eu estive... Estou me encaminhando agora, não sei se vocês viram, nessa minha trajetória, com os estudos sobre a migração. Eu fui trabalhar sobre a globalização das frutas, transformações da região, global e tudo isso, e depois... e entender essa questão das migrações em espaços de grande... vamos dizer, da produção para exportação e de grande versão de capital, e de conexões com outra parte do mundo. Então, o que é que acontece com essas populações migrantes. E seguindo esse trabalho, que também pode ser visto como trabalhos que a gente realizou em conjunto também com a Argentina, quer dizer, pegar o sertão do Brasil, aqui o Vale do São Francisco e a Patagônia argentina, para entender esses processos e como é esse sujeito que vão. Então nisso a gente vai... quer dizer, pôde construir um pouco dessa trajetória, dessa história, que a gente então chega a esse momento de... quer dizer que é um momento de repensar. O ano passado eu tive essa... Mas não sei se... Eu recebi o prêmio Florestan Fernandes, então eu fiquei também... sempre assim pensando. Esse é o momento de refletir sobre o que aconteceu até agora, um balanço, quer dizer, é um momento assim desse balanço, mas também é um... quer dizer, é um momento gratificante. Eu acho que está bem, que também que... que possa ser assim. Na nossa profissão são os bens simbólicos que são importantes. Também muito importante eu acho que é o carinho, o reconhecimento dos pares, dos colegas. Então eu acho que nesse momento para mim é... ainda tem... Eu não... Não. Sei. Eu gostaria de poder dizer que já está tudo concluído, mas eu acho que ainda há bastante trabalho. E eu fico também muito satisfeita com a trajetória dos meus ex-alunos e ex-alunas, que de certo modo continuam. Mas eu não sei se tem mais alguma coisa que vocês quiserem falar.

C. C. – Eu queria muito. Mas eu acho que a entrevista foi interessante. Chegar até aqui o momento que continua com as suas pesquisas de interesse. Bom. Obrigadíssimo mais uma vez por colaborar com esse projeto.

[FINAL DA ENTREVISTA]